

Rana iberica Boulenger, 1879

Rã-ibérica

Rana patilarga, Iberian Frog

TAXONOMIA E FILOGEOGRAFIA

Até ao momento não se encontram descritas subespécies de rã-ibérica. No entanto, um estudo recente sobre a estruturação genética das suas populações ao nível do DNA mitocondrial (Teixeira, 2007) detectou a existência de três linhagens bem diferenciadas, com marcada correspondência geográfica. Uma das linhagens distribui-se a norte do rio Douro, incluindo todas as populações do Norte de Espanha. A segunda linhagem foi encontrada na maior parte da distribuição da espécie, desde as populações do Sistema Central espanhol e Centro de Portugal, até às populações do Norte de Portugal, onde ocorre em simpatria com a primeira linhagem. Nas populações do Sistema Central espanhol foi detectado um número muito reduzido de haplótipos mitocondriais, o que está em concordância com a reduzida diversidade genética descrita para estas populações através do estudo de microssatélites (Martínez-Solano *et al.*, 2005), sugerindo a ocupação recente desta área (após a última grande glaciação, isto é, há menos de 18 mil anos). Uma terceira linhagem encontra-se restrita ao isolado populacional da Serra de Guadalupe, no extremo sul da distribuição da espécie em Espanha.

A divergência genética, similar entre as três linhagens, sugere a sua separação simultânea, provavelmente entre 245 e 376 mil anos atrás, durante o Pleistoceno Médio (Teixeira 2007). No entanto, são ainda necessários mais estudos genéticos através do uso de diferentes tipos de marcadores, nomeadamente de genes nucleares, para se poder concluir com maior segurança sobre a sub-estruturação existente no seio desta espécie e os seus respectivos tempos de divergência.

DISTRIBUIÇÃO GLOBAL

A rã-ibérica é uma espécie endémica do quadrante Norocidental da Península Ibérica, ocorrendo desde o nível do mar até os 2424 m na serra de Bèjar, no Sistema Central espanhol (Esteban & Sanchíz, 2000). No Norte de Espanha esta rã encontra-se amplamente distribuída na Galiza e estende-se para leste de forma descontínua pelas Astúrias, Cantábria e Norte de Castela e Leão, ocorrendo ainda num isolado populacional no País Basco. Mais para sul, penetra pelo Sistema Central espanhol, onde se estende

até à Serra de Guadarrama, nos arredores de Madrid, e ocorre num isolado populacional a sul do rio Tejo, na serra de Guadalupe, na Extremadura espanhola.

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

Em Portugal, a rã-ibérica distribui-se de forma praticamente contínua a norte do rio Tejo. No entanto, esta espécie encontra-se ausente ao longo de uma extensa faixa fronteiriça, que inclui o Planalto Mirandês (com excepção de um pequeno isolado na Serra de Bornes), grande parte dos vales do Douro superior, Côa e Águeda Internacional e a área a sul das Serras da Malcata, Gardunha e Alvelos. A espécie tem também distribuição dispersa na faixa litoral a sul de Espinho, tendo como limite da distribuição na costa o isolado populacional de S. Pedro de Moel. A sul do rio Tejo, ocorre apenas na Serra de S. Mamede. O presente Atlas alargou de forma significativa a sua área de ocorrência conhecida, nomeadamente no interior Norte e no litoral Centro. Como exemplo desta situação, o isolado de S. Pedro de Moel, do qual apenas se conhecia uma localização (Paulo & Vicente, 1989) e cujas populações mais próximas conhecidas distavam mais de 50 km, foi alargado em mais quatro quadrículas UTM 10x10 km e surge agora praticamente em contacto com a mancha de distribuição principal da espécie.

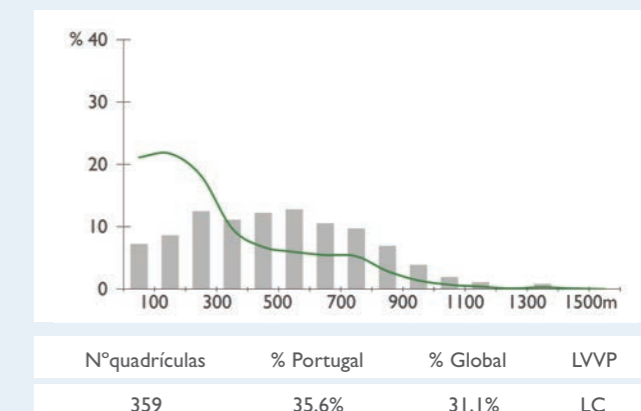
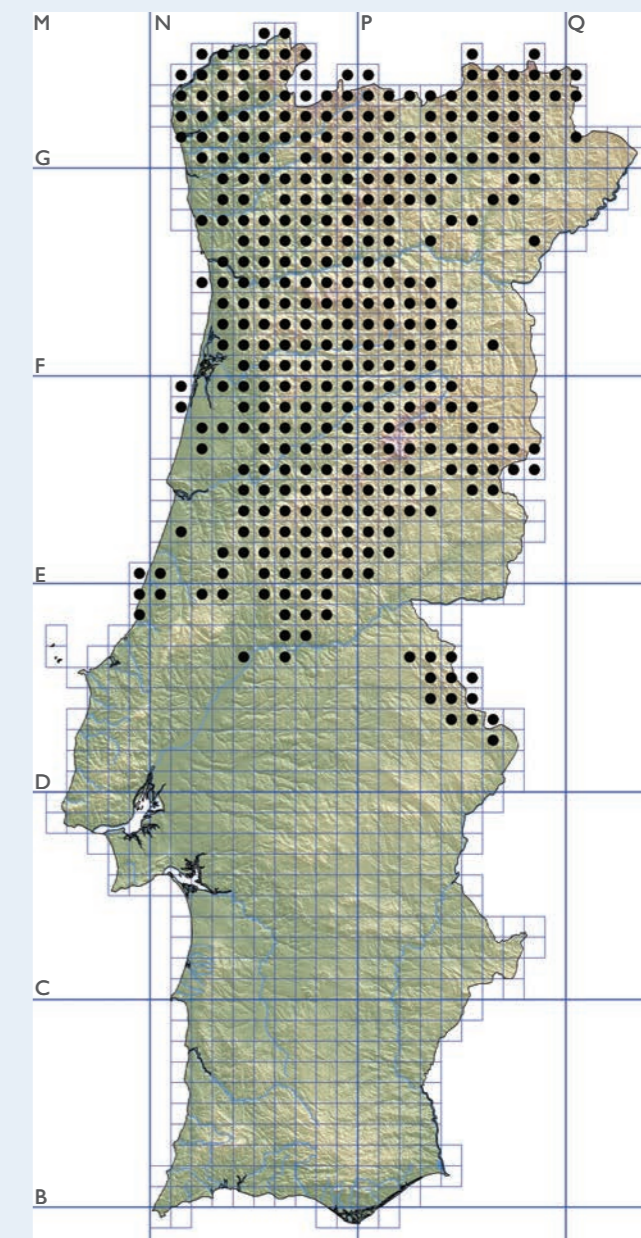
A rã-ibérica ocorre em Portugal desde o nível do mar até aos 1900 m, na Serra da Estrela. Habita tipicamente em zonas montanhosas, junto a ribeiros de água limpa, com substrato rochoso e vegetação abundante nas margens. Pode ainda ser observada numa grande variedade de habitats, incluindo charcos, prados húmidos e terrenos encharcados, normalmente com abundante vegetação herbácea ou arbórea envolvente. A sua presença está normalmente associada a habitats de características atlânticas, onde ocorre com frequência em simpatria com outros endemismos do Noroeste peninsular, como a salamandra-lusitânica e o lagarto-de-água.

CONSERVAÇÃO E AMEAÇAS

As principais ameaças para esta espécie são a poluição dos cursos de água por efluentes industriais e domésticos, e a destruição dos

habitats ribeirinhos, devido a construção urbanística, agricultura intensiva e monoculturas florestais de produção. Outras ameaças incluem o abandono de algumas práticas agrícolas tradicionais, como os lameiros, e ameaças globais, como a disseminação de doenças infecciosas e as alterações climáticas. As medidas de conservação devem concentrar-se na protecção e manutenção dos habitats, particularmente dos pequenos ribeiros e florestas caducifólias que os rodeiam. Nestas zonas, seria muito importante impedir a poluição e encanamento dos cursos de água. De igual modo, seria importante preservar os meios aquáticos associados a prados húmidos, incluindo os lameiros e as turfeiras. Sempre que possível, seria desejável estabelecer planos de reflorestação em áreas degradadas com condições apropriadas para a ocorrência da espécie.

José Teixeira



JC



PhE



PhG